

## **Como ser jornalista no Rio de Janeiro do início do século XX: o caso de Lima Barreto<sup>1</sup>**

Denilson Botelho<sup>2</sup>

Centro Universitário Carioca - UniCarioca

### **Resumo**

Este trabalho apresenta uma análise investigativa sobre o processo de construção de uma carreira jornalística e literária no Rio de Janeiro do início do século XX, tomando o caso do escritor Lima Barreto (1881-1922) como objeto de reflexão. A publicação do romance "Recordações do escrivão Isaías Caminha" é analisada sob a perspectiva da história social, desvendando os mecanismos capazes de viabilizar uma carreira de jornalista nas redações de jornais e revistas daquela época. Da mesma forma, discute-se aqui alguns aspectos relevantes da trajetória singular desse escritor.

### **Palavras-chave**

Jornalismo; História; Literatura; Lima Barreto; República

O romance Recordações do Escrivão Isaías Caminha marcou inegavelmente o ingresso de Lima Barreto no cenário intelectual brasileiro da época. Independentemente do número de exemplares que conseguiu vender, o livro sacudiu a poeira acumulada sobre a suposta reputação de literatos e homens da imprensa carioca do início do século. Narrando a trajetória fracassada do jovem mulato Isaías, que não consegue entrar no mundo das letras - não por ser desprovido de méritos, mas porque devido à cor da sua pele vê-se impedido de mostrar suas qualidades - o escritor coloca em cena algumas das grandes personalidades da imprensa da época, dirigindo críticas impiedosas a cada uma delas, sem contudo citar seus nomes, visto que surgem camufladas sob pseudônimos.

Não foi à toa que Lima Barreto escolheu este romance, entre os que já havia escrito até 1909, para se lançar como escritor. Embora seu livro de estréia tenha sido recebido por muitos como excessivamente confessional ou auto-biográfico, ou como vingança contra um meio que até então se lhe apresentava hostil, ou mesmo como mera provocação travestida num jogo de adivinhação que convida o leitor a tentar

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao NP 02 – Jornalismo, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

<sup>2</sup> Denilson Botelho é Doutor e Mestre em História pela Universidade Estadual de Campinas e autor do livro A pátria que quisera ter era um mito; o Rio de Janeiro e a militância literária de Lima Barreto. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal das Culturas, DGDI, 2002. (Coleção Biblioteca Carioca, V. 44). E-mail: ahlb@uol.com.br

descobrir quem, na vida real, inspirara tal ou qual personagem do enredo do romance, há na escolha de Isaías Caminha - e não outro romance - uma motivação pessoal.

É certo que Lima Barreto, em seu romance de estréia, pretendeu atingir o *Correio da Manhã* e alguns literatos que giravam em torno desse jornal no início do século. E fez isso com a intenção assumida de causar um certo escândalo a fim de atrair a atenção para o seu livro. “Se lá pus certas figuras e o jornal, foi para escandalizar e provocar a atenção para a minha brochura. Não sei se o processo é decente, mas foi aquele que me surgiu para lutar contra a indiferença, a má vontade dos nossos mandarins literários”<sup>3</sup>. A escolha desse romance consiste numa estratégia de inserção no meio literário da época, adotada pelo seu autor, com o intuito de polemizar e chamar a atenção para o seu *début* na literatura. Além disso, ao invocar Taine e Brunetière, seus mestres da literatura, procurava dizer com sua obra aquilo que os simples fatos do dia-a-dia não dizem. O escritor crê que é através da literatura que poderá resgatar a importância dos acontecimentos para o nosso destino. Sua arte jamais será desinteressada, mas sim engajada, militante, com objetivo definido e declarado, e comprometida com o público leitor no sentido de ajudá-lo a conhecer e compreender cada vez melhor os dramas, os problemas e as misérias da sociedade em que vivia.

A militância de Lima Barreto não podem ser compreendidas senão à luz da sua concepção do que vem a ser a literatura. A todo instante, a pena com que escreve seus romances, contos, crônicas, artigos, cartas e diários revela uma crença inesgotável na função social da literatura. Nestas variadas modalidades da sua escrita está presente a concepção de literatura como arte engajada e militante. Seu anarquismo, socialismo, provocações e implicações pessoais só podem ser compreendidos enquanto elementos de sua concepção de literatura. Para cumprir a sua missão literária, Lima Barreto compra brigas, faz provocações, coleciona implicações, flerta com o anarquismo e propõe o socialismo, mas tudo porque esta é a sua vocação: uma literatura destinada a contribuir para a compreensão dos acontecimentos do presente e, porque não, do passado, a fim de ajudar ao leitor a construir uma sociedade mais justa e igualitária.

Difícil é avaliar o desempenho editorial da primeira edição deste romance. Saber quantos exemplares foram efetivamente publicados e vendidos é assunto até hoje misterioso no mercado editorial. Parece que a escassez de fontes tem concorrido para a existência de pouquíssimas pesquisas sobre o tema. Lajolo e

---

<sup>3</sup> BARRETO, A. H. de Lima. Correspondência. Tomo I. São Paulo, Brasiliense, 1956. p. 238. Carta de Lima Barreto a Esmaragdo de Freitas, em 15 de outubro de 1911.

Zilberman<sup>4</sup> empreenderam louvável esforço para delinear o processo de formação do leitor no Brasil. Deste trabalho consta um quadro contendo o preço de livros, jornais e revistas e a remuneração de escritores entre 1820 e 1930. Naturalmente existem diversas lacunas neste quadro, certamente em função da exiguidade das fontes, e dele não constam tiragens ou levantamentos sobre as vendas dos produtos editoriais em questão. Mas é possível verificar, por exemplo, que no mesmo ano do lançamento de estréia de Lima Barreto, 1909, a Garnier pagava a João do Rio 1:000\$000 pela venda dos direitos do livro *Dentro da Noite*. No ano anterior, o mesmo autor receberia 1:500\$000 da Francisco Alves, pela venda dos direitos de *Era uma vez ...*, em co-autoria com Viriato Corrêa. Em 1907, a Garnier teria pago a João do Rio 2:000\$000 pela propriedade das obras *Momento Literário* e *A alma encantadora das ruas*. Enquanto isso, sabemos que o iniciante Lima Barreto recebera como pagamento por *Isaías Caminha*, apenas alguns exemplares para que pudesse ele próprio divulgar o seu trabalho. Em se tratando de uma editora portuguesa então, como foi o seu caso, torna-se ainda mais difícil aferir o seu desempenho no mercado editorial da época.

Se não dispomos dos dados quantitativos desejáveis sobre a trajetória editorial do seu livro de estréia, podemos recorrer a outras fontes, que inclusive permitem-nos assegurar que seu ingresso no cenário da literatura não se restringe aos limites da capital. Disso nos dá testemunho uma carta ao jornalista e magistrado recifense Esmaragdo de Freitas, que publicou artigo na imprensa local sobre *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. Nesta carta temos o próprio Lima Barreto fazendo um balanço sobre o modo como o seu romance foi recebido:

“Li o seu artigo sobre o meu livro *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, com muito interesse e grande satisfação. (...) Aqui, no Rio, onde nasci e me tenho feito, onde também tenho relações, não houve quem tratasse do meu volume com a abundância e a sagacidade que há no seu artigo. Ninguém quis ver no livro nada mais que um simples romance à cléf, destinado a atacar tais e quais pessoas; os que gostaram foi por isto, os que não gostaram foi por isto também. Há alguma cousa a mais do que isso no meu modesto volume, suponho; e essa suposição marchou mais para a certeza desde que li o seu trabalho”<sup>5</sup>.

De fato, o livro de estréia de Lima Barreto recebeu a única forma de crítica que desagradava ao seu autor: o silêncio. O volume foi recebido com desprezo e

---

<sup>4</sup> LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo, Ática, 1996. O quadro citado em seguida encontra-se nas páginas 312-323.

<sup>5</sup> BARRETO, A. H. de Lima. *Correspondência*. Tomo I. São Paulo, Brasiliense, 1956. pp. 237-238. Carta de Lima Barreto a Esmaragdo de Freitas, em 15 de outubro de 1911.

poucas palavras. Um silêncio frustrante para quem pretendia polemizar. Anos mais tarde, comentaria: “A única crítica que me aborrece é a do silêncio”<sup>6</sup>.

O Correio da Manhã, por razões óbvias, ignorou a existência do romance e o nome do seu autor tornou-se proibido em suas páginas. Escolhido para ambientar o romance provavelmente por ser um dos mais bem sucedidos e representativos da época, o periódico de Edmundo Bittencourt foi alvo da sátira e da mordacidade do escritor.

Os demais periódicos certamente optaram pela prudência e, acuados diante do que lhes parecia uma obra inconveniente e atrevida, também calaram a seu respeito. As exceções foram Medeiros e Albuquerque, na Notícia, afirmando tratar-se de “um mau romance e um mau panfleto” e Alcides Maya, no Diário de Notícias, para quem o livro não passara de “um diário atormentado de reminiscências más”.<sup>7</sup> Em meio ao silêncio e à apressada condenação, qualquer um pode se fazer as mesmas perguntas de Sodré: “Até que ponto o receio ao Correio da Manhã, o medo de aborrecer a folha combativa e prestigiosa de Edmundo Bittencourt pesou nesses julgamentos?” Ou ainda: “Até que ponto a sórdida política dos elogios mútuos e da consagração limitada às mediocridades amigas influenciou neles? Um romance em que Paulo Barreto, o João do Rio, aparecia como ‘misto de suíno e símio’, poderia ser aplaudido pelos seus confrades?”<sup>8</sup>

O mesmo José Veríssimo que dedicara algumas linhas a tecer elogios públicos à Floreal, a revista editada por Lima Barreto em 1907, também manifesta suas impressões sobre o romance inaugural do ex-editor daquela promissora revista. A crítica, dessa vez, é feita por carta endereçada ao autor, já que Veríssimo não exercia mais o ofício de crítico literário em 1910. Embora afirme que sua “impressão geral” do livro é excelente, observa:

“Há nele [o livro], porém, um defeito grave, julgo-o ao menos, (...) o seu excessivo personalismo. É pessoalíssimo, e, o que é pior, sente-se demais que o é. Perdoe-me o pedantismo, mas a arte, a arte que o senhor tem capacidades para fazer, é representação, é síntese, é, mesmo realista, idealização. Não há um só fato literário que me desminta. A cópia, a reprodução, mais ou menos exata, mais ou menos caricatural, mas que se não chega a fazer a síntese de tipos, situações, estados d’alma, a fotografia literária da vida, pode agradar a malícia dos contemporâneos que põe um nome sobre cada pseudônimo, mas, escapando à posteridade, não a interessando, fazem efêmero e ocasional o valor das obras.

---

<sup>6</sup> BARRETO, A. H. de Lima. “Amplius!” in A Época. Rio de Janeiro, 31 de agosto de 1916.

<sup>7</sup> O artigo de Medeiros e Albuquerque foi publicado sob o pseudônimo de J. Santos, na Notícia, de 15 de dezembro de 1909. Já a crítica de Alcides Maya veio à luz no Diário de Notícias do dia seguinte, 16 de dezembro de 1909.

<sup>8</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. A história da imprensa no Brasil. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966. p. 349.

“Eu que isto lhe digo, eu mesmo me delíciei, com a sua exata e justa pintura da nossa vida jornalística e literária, mas não dou por boa a emoção que ela me causou”.<sup>9</sup>

Deixando de lado a sentença do velho crítico literário sobre a efemeridade da obra em questão, até porque a posteridade encarregou-se de contrariá-lo, é curioso que embora Veríssimo negue a Isaías Caminha valor artístico, admita ter se deliciado ao percorrer-lhe as páginas cheio de emoção. Deve ter sido o mesmo tipo de emoção que tomou conta das rodas de escritores e jornalistas nas quais o assunto predileto por muito tempo era “pôr um nome sobre cada pseudônimo” ou personagem, ainda que ninguém se arriscasse a publicar uma letra que fosse sobre o livro

Apesar das críticas e do silêncio que se fez sobre o romance, o autor jamais se arrependeu da forma que resolveu dar ao seu primeiro livro. Onze anos depois reafirmaria publicamente as mesmas convicções artísticas e políticas que o levaram a conceber Isaías Caminha tal como o fez.

Na edição do A.B.C. de 24 de dezembro de 1921, Lima Barreto exercita sua crítica literária ao analisar *O Homem sem máscara*, de Vinício da Veiga. Trata-se de uma novela em que o autor “pretendeu pintar uma parte da sociedade carioca que, ou devido a irremediáveis taras hereditárias ou a simples imitação de elegâncias estrangeiras, se entrega às mais repugnantes aberrações sexuais que nos é dado imaginar. São pessoas da ‘alta’; ricaços, barões e condes do Papa, meninas mal saídas do Sion e gente que tal”. Daí o título da crítica: “Um livro desabusado”. Em meio a comentários por vezes elogiosos, outras nem tanto, ressurge a convicção no modelo adotado há cerca de uma década:

“O autor se enganou quando, tentando o romance da espécie que tentou, à clef, se esqueceu que era preciso retratar o personagem, dar-lhe a sua fisionomia própria, fotografá-lo, por assim dizer. Julgou que era bastante pôr um pseudônimo transparente para que os leitores reconhecessem nas suas criações certos e determinados cidadãos que nós encontramos todos os dias na avenida, afivelando toda a sorte de máscaras de austeridade e moralidade. A força dos romances dessa natureza reside em que relações do personagem com o modelo não devem ser encontradas no nome, mas na descrição do tipo, feita pelo romancista de um só golpe, numa frase. Dessa forma, para os que conhecem o modelo, a charge é artística, fica clara, é expressiva e fornece-lhes um maldoso regalo; para os que não o conhecem, recebem o personagem como uma ficção qualquer de um romance qualquer e a obra, em si, nada sofre”.<sup>10</sup>

---

<sup>9</sup> BARRETO, A. H. de Lima. Correspondência. Tomo I. São Paulo, Brasiliense, 1956. p. 204.

<sup>10</sup> BARRETO, A. H. de Lima. “Um livro desabusado” in A.B.C., Rio de Janeiro, 24 de dezembro de 1921. O grifo é meu.

Além de explicitar esta concepção de arte inerente a este tipo de romance, bem semelhante a *Isaías Caminha*, como sempre Lima Barreto aproveita para mais uma vez mostrar o quanto acredita que a arte deve ser mesmo militante e engajada, daí a sua concepção de literatura estar sempre vinculada à política. Dirigindo-se ao escritor em questão, propõe aquilo que sempre procurou pôr em prática ao escrever:

“se o Senhor Vinício da Veiga me permite, lhe dou um conselho: empregue a energia do seu estilo, a força de sua capacidade de descrever, de romancear, criticando semelhante ‘pessoal’, não em relação ao plano normal da sexualidade humana, mas em relação aos interesses sociais, que, na vida comum, ele lesa mais do que quando entrega-se às suas mórbidas abjecções sexuais”.<sup>11</sup>

É assim que encerra a sua crítica, propondo a Veiga que junte-se a ele na luta contra os interesses desse “pessoal”, sempre privilegiado na sociedade republicana do início do século, em detrimento de uma maioria de excluídos, a gente simples que resgata em seus romances. É contra eles que Lima Barreto propõe-se a “romancear”, empregando toda a sua energia.

O problema com *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* ou *O homem sem máscaras*, certamente não está no fato de ser um romance à clef. Fosse esse o problema e *A Esfinge*, também um romance de Afrânio Peixoto, não teria a boa acolhida que teve da crítica e da imprensa em geral. Note-se que *A Esfinge* foi publicada dois anos após *Isaías Caminha*, retratando a vida mundana do Rio de Janeiro e Petrópolis. Na ocasião, Lima Barreto compartilharia toda a sua revolta com Antônio Noronha Santos, a quem entregaria o exemplar que leu e anotou. Entre as muitas anotações existentes no volume, a dedicatória já revela um pouco da sua irônica avaliação: “Ao Sr. Dr. Antônio Noronha Santos, desejando que tenha na sua estante uma eloquente prova da importância do senso literário nacional e também do critério que, por este século XX, ainda se tem, entre nós, do romance (...)”. Em outra anotação, aflora a indignação: “É à clef, e eles elogiaram”.<sup>12</sup>

E elogiaram muito, em diferentes jornais da época, inclusive o mesmo *Medeiros e Albuquerque*, que vira no *Isaías Caminha* “um mau romance e um mau panfleto”, curiosamente viu no romance de Peixoto qualidades que um crítico generoso bem poderia ter lhe atribuído:

“É o lado original do livro, o lado que o fará conservar como um documento precioso para o estudo do nosso tempo. A descrição dos tipos que enchem o romance é maravilhosa de justeza. Não há excesso, não há caricatura. Há uma fotografia

---

<sup>11</sup> Ibidem.

<sup>12</sup> BARBOSA, Francisco de A. *A vida de Lima Barreto*. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, Edusp, 1988. p. 154.

perfeita (...). É um depoimento para a história da sociedade atual, no momento atual. Desse ponto de vista, o livro é simplesmente maravilhoso”<sup>13</sup>.

Para Lima Barreto, a verdade estavam em jogo mais do que o valor do romance à clef e mesmo as obras em questão. Estava em jogo também a origem social dos autores: um, mulato, humilde morador do subúrbio e funcionário público sem expressão que ousava se lançar como escritor; o outro, um jovem branco, médico e professor da Faculdade de Medicina, que antes mesmo de lançar o seu primeiro romance tornara-se membro da Academia Brasileira de Letras, na vaga de Euclides da Cunha. Na sua alma já atormentada pelo estigma racial, via-se como um zé ninguém a pretender o mesmo destino de um pequeno sábio bem nascido.

Em matéria de contos, cabe destacar “A nova Califórnia”, de 1910. Misturando ambição e arrivismo desenfreados e, mais uma vez, descrença no compromisso ético da ciência com os homens, o autor narra a trágica influência do químico Raimundo Flamel sobre a pequenina cidade de Tubiacanga. De uma hora para outra, os três ou quatro mil moradores daquela localidade descobrem-se anfitriões de um químico, com ares de alquimista, a fazer experiências macabras que o teriam levado a uma fórmula para transformar ossos em ouro, “o segredo de todo um Potosi”. A partir daí, a Tubiacanga onde havia cinco anos não se registrava furto ou roubo, jamais será a mesma: “qual não foi a surpresa dos seus habitantes quando se veio a verificar nela um dos mais repugnantes crimes de que se tem memória!” Revolviam-se as sepulturas do Sossego, seu cemitério, e ossos eram saqueados. Num dia era um jazigo perpétuo, no outro um carneiro, no seguinte uma sepultura rasa e os saques não paravam mais.

Por fim:

“A desinteligência não tardou a surgir; os mortos eram poucos e não bastavam para satisfazer a fome dos vivos. Houve facadas, tiros, cachações (...).

“De manhã, o cemitério tinha mais mortos do que aqueles que recebera em trinta anos de existência. Uma única pessoa lá não estivera, não matara nem profanara sepulturas: fora o bêbado Belmiro.

“Entrando numa venda, meio aberta, e nela não encontrando ninguém, enchera uma garrafa de parati e se deixara ficar a beber sentado na margem do Tubiacanga, vendo escorrer mansamente as suas águas sobre o áspero leito de granito - ambos, ele e o rio, indiferentes ao que já viram, ao que viam (...).”<sup>14</sup>

---

<sup>13</sup> A crítica de Medeiros e Albuquerque foi publicada em A Notícia, Rio de Janeiro, 24 de setembro de 1911.

<sup>14</sup> BARRETO, A. H. de Lima. “A nova Califórnia” in Clara dos Anjos. São Paulo, Brasiliense, 1956. pp. 223-235. O conto foi republicado várias vezes, sendo a primeira em 10 de novembro de 1910.

Belmiro nos remete ao seu criador, Lima Barreto, irmanados na admiração que tinham por um copo de parati. Obviamente, não se tem notícia de que alguém tivesse descoberto uma fórmula para transformar ossos em ouro no Rio de Janeiro do início do século, uma fórmula enfim para alcançar riqueza e poder. Mas o que era a redação daquele jornal descrito no Isaías Caminha senão uma Tubiacanga onde uns se punham a devorar os outros, movidos pela ganância desenfreada, em busca do reconhecimento? De certo que as armas empregadas não eram tão rudes quanto facadas e cachações, mas penas a erguer reputações e a enterrar jovens talentos sem padrinhos.

Certamente Tubiacanga não evoca apenas a redação de O Globo, mas o Rio de Janeiro, a capital do país, a República como um todo e os seus poderosos a se alimentarem da miséria da massa de excluídos também. E propositalmente a figura redentora do conto é Belmiro, mergulhado no seu parati a contemplar o curso das águas do rio, indiferente a todo aquele destruidor arrivismo. O autor resgata o papel do bêbado alçando-lhe à condição de um sábio, o único que não se entregou ao brilho falso da riqueza fácil, mantendo-se tão fiel aos seus valores e ideais quanto à bebida. Talvez Lima Barreto estivesse a justificar o seu próprio vício e a reafirmar a sua convicção em não se deixar corromper e prosseguir na defesa de suas idéias e da sua literatura militante.

É importante destacar o denso significado de “A nova Califórnia” para a compreensão de Lima Barreto e sua obra. Este conto anuncia em 1910 o lugar que o seu autor pretende ocupar na vida. Ele jamais estará entre pessoas como aquelas que habitam a pequena Tubiacanga, se entregando à sanha desmedida em busca do enriquecimento. Não o veremos devorar o seu semelhante a fim de subir na vida. Se não puder vencer pelos seus próprios méritos, mantendo sua crença inabalável na igualdade de oportunidades, na solidariedade e nos valores democráticos, optará por ser visto ao lado de gente como Belmiro. Mais que um personagem, Belmiro é uma declaração de princípios éticos e políticos, de quem não quer ver aqui uma nova Califórnia, uma nova corrida do ouro tal qual a que ocorrera em meados do século XIX nos Estados Unidos. Ainda que nos pareça empobrecedora a idéia de dividir o mundo em dois lados, o conto sugere a trincheira. E o escritor não estará do lado de lá, no Sossego, entregue à selvageria que descreve. Prefere o lado de cá e sua convicção é tão forte que o levará à militância anarquista e socialista. Com orgulho, aceitará o rótulo de maximalista e também se assumirá um esnobe anarquista.



Mas seu campo de luta é sobretudo o campo das letras, pois é com as palavras que sabe militar. Embora a militância literária se faça acompanhar também da militância política. Em meio aos esforços para a publicação do seu primeiro romance e de contos como os que foram aqui citados, o escritor engaja-se, por exemplo, na campanha eleitoral para a presidência, que ocorreu entre 1909 e 1910. Diante dos dois candidatos, Marechal Hermes da Fonseca e Rui Barbosa, decide pelo apoio ao segundo, participando do que ficou conhecido como a Campanha Civilista.

O diário *Correio da Noite*, dirigido por Vitor Silveira, também tem um importante papel na trajetória do escritor. Depois da revista *Careta* e do *A.B.C.*, foi o periódico que publicou o maior número de artigos e crônicas de sua autoria - ao todo 42 colaborações. Além disso, pela primeira vez o leitor teve oportunidade de verificar a sua presença mais contínua nas páginas de um órgão da imprensa. Com exceção de uma série de três crônicas publicadas em 1913, a partir de 14 de dezembro de 1914 até 13 de março de 1915 seus textos aparecem com frequência até então inédita num mesmo periódico.

No jornal de Vitor Silveira o escritor é alçado à condição de crítico de todas as artes, recomendando ou criticando sem a menor cerimônia este ou aquele espetáculo, artista, poeta e o que mais lhe convier. Se as crônicas semanais tivessem vingado seria interessante acompanhar os olhos do romancista a julgar tudo que lhe parecesse digno de atenção na agenda cultural do Rio de Janeiro do início do século. Porém, essa regularidade não acontece - não sabemos o motivo - e o que temos são apenas três crônicas, duas em abril e uma em junho de 1913. Depois disso, somente em dezembro de 1914 ressurgirão as suas crônicas no *Correio da Noite*.

Numa dessas primeiras três crônicas, vale a pena atentar particularmente para a primeira delas<sup>15</sup>. Os destaques da programação cultural da semana vão para uma exposição de objetos indígenas ocorrida no Gabinete Português de Leitura e os espetáculos em cartaz nos teatros Lírico, Apolo e Municipal. O escritor revela-se maravilhado com a importância e o significado das peças da Exposição Etnográfica realizada por H. Jaramillo, visto que “muitos dos objetos expostos não são encontrados no Museu Nacional”. Faz um apelo ao governo para que examine a coleção exposta, pois “será bastante vergonhoso para o nosso país se a coleção Jaramillo for adquirida aqui por preço ínfimo para ir figurar em algum museu da velha Europa”. No âmbito

---

<sup>15</sup> BARRETO, A. H. de Lima. “Semana Artística - I”. *Correio da Noite*, Rio de Janeiro, 15 de abril de 1913. Ver também: *Impressões de Leitura*. São Paulo, Brasiliense, 1956. pp. 285-288

teatral, chama a atenção do leitor para a representação da peça Cabotinos , de Oscar Lopes, no Municipal.

Contudo, uma nota cheia de amargura encerra a crônica em questão. Numa semana em que os eventos que mais se destacaram na sua opinião foram a referida exposição no seletor Gabinete Português de Leitura e a peça teatral em cartaz no Municipal, o cronista deplora a manifesta preferência do grande público pelos campeonatos de luta romana e boxe. “A incultura do povo justifica exuberantemente essa predileção”. Com pesar, condena “a lamentável predileção que o nosso povo revela por essas exibições de força bruta, em que homens lutam como feras”. E esboça uma explicação para esse gosto das massas por um espetáculo tão brutal:

“Acharemos nisso, contudo, um fundo de razão, se nos recordarmos do lugar ocupado pelo homem na série animal, e se tivermos presente que nem sempre nos é possível evitar que em nós acorde e se manifeste em atos exteriores alguns instintos que são como que reminiscências atávicas dos nossos ancestrais.

“As ‘lutas romanas’ e os ‘combates de box’, aos nossos olhos, sendo uma manifestação de animalidade e revertendo o homem a um estádio inferior na escala evolutiva, são a expressão máxima da estupidez humana.

“Falando em ‘luta romana’, lembramo-nos logo de Darwin ...”

Ao condenar a atração do povo pelas lutas corporais no mesmo artigo em que exalta a importância do teatro e de uma exposição histórico-etnográfica, Lima Barreto mostra mais uma vez quão contraditórias são algumas das suas opiniões. Ao mesmo tempo que invoca Darwin para justificar a inferioridade da prática daquelas lutas, manifestando assim uma certa crença nas teorias evolucionistas, frequentemente assumirá um tom de crítica ao darwinismo social. Ou seja, ao mesmo tempo que acusa o povo de ser culturalmente inferior valendo-se até mesmo de Darwin para isso, Lima Barreto questiona esses pressupostos científicos.

Inúmeras vezes essa contradição aparece nos textos e na vida do escritor. Nascido e criado numa família humilde e de poucas posses, Lima Barreto teve porém uma sólida formação escolar e cultural, graças ao padrinho rico que lhe custeara os estudos numa escola frequentada pelos filhos das famílias ricas de Niterói. Chegou mesmo a frequentar a Politécnica e nessa fase de sua vida frequentava também com assiduidade os salões da Biblioteca Nacional, visto que já tinha se afeiçoado aos estudos e à leitura. Mas se nessa trajetória galgara diversos degraus numa escala imaginária de níveis culturais, sofisticando seus gostos e hábitos, tornando-se um homem culto e

exigente, suas condições materiais de vida não acompanharam seus progressos no campo intelectual. Continuava morando no subúrbio e desde os vinte e um anos passou a sustentar o pai, inválido e louco. No serviço público também não progredira, permanecendo sempre no cargo de escriturário, de baixa remuneração. E a literatura e o jornalismo não se constituíram para ele num ofício rentável.

Assim, jamais renegará as suas origens, referindo-se a elas com orgulho e honra. Mas ao ingressar nesse outro mundo letrado, intelectualizado e distante dos subúrbios, chegará mesmo a expressar desprezo e ódio pela gente simples com a qual convive. Embora seja ao lado dela que sempre colocará a sua literatura militante, admite não suportar a convivência com boa parte dessa camada mais pobre da população. Age, desta forma, como um intelectual que pensa um projeto para as classes populares, da qual não faz parte. É o que se observa no seu próprio diário, em 1905, nas notas transcritas abaixo:

“Eu tenho muita simpatia pela gente pobre do Brasil, especialmente pelos de côr, mas não me é possível transformar essa simpatia literária, artística, por assim dizer em vida comum com eles, pelo menos com os que vivo, que, sem reconhecerem a minha superioridade, absolutamente não têm por mim nenhum respeito e nenhum amor que lhes fizesse obedecer cegamente”<sup>16</sup>.

A confissão dessa ambiguidade é dolorosa para o escritor, que admite nutrir esses sentimentos impúblicáveis, reveladores de um preconceito social e racial que ele tanto combate e ao mesmo tempo manifesta. Constrangido e preocupado com o que acabara de escrever em seu diário, prossegue avisando:

“Se essas notas forem algum dia lidas, o que eu não espero, há de ser difícil explicar esse sentimento doloroso que eu tenho de minha casa, do desacordo profundo entre mim e ela; é de tal forma nuançoso a razão de ser disso, que para bem ser compreendido exigiria uma autobiografia, que nunca farei. Há cousas que, sentidas em nós, não podemos dizer. A minha melancolia, a mobilidade do meu espírito, o ceticismo que me corrói (...) nasceu da minha adolescência feita nesse sentimento da minha vergonha doméstica, que também deu nascimento a minha única grande falta.

“(...) Aqui bem alto declaro que, se a morte me surpreender, não permitindo que as [essas notas] inutilize, peço a quem se servir delas que se sirva com o máximo cuidado e discrição, porque mesmo no túmulo eu poderia ter vergonha”<sup>17</sup>.

De fato, nesse dia o escritor parecia ter deixado aflorar toda a sorte de sentimentos que mal lhe cabiam na alma e na consciência. Algumas linhas acima desse

---

<sup>16</sup> BARRETO, A. H. de Lima. *Diário Íntimo*. São Paulo, Brasiliense, 1956. p. 76.

<sup>17</sup> *Ibidem*, p. 77.

trecho, narra ter implicado com a irmã e uma moça de nome Paulina - “uma vulgar mulatinha, muito estúpida, cheia de farofas de beleza e de presunção” -, que lhe fazia companhia. Repreendeu as meninas porque as flagrara, já tarde da noite, cumprimentando pela janela “um pequeno da vizinhança”. Em seguida, justifica-se:

“Achei aquilo inconveniente. Que um sujeito, passando por uma casa fechada, desse boas-noites a moças recolhidas num quarto de dormir. Nesse sentido, inquiri minha irmã, que desmentiu. Há em minha gente toda uma tendência baixa, vulgar, sórdida. Minha irmã, esquecida que, como mulata que se quer salvar, deve ter um certo recato, uma certa timidez, se atira ou se quer atirar a toda a espécie de namoros, mais ou menos mal intencionados, que lhe aparecem.

“(...) Eu, entretanto, penso me ter salvo”.<sup>18</sup>

Essas anotações, curiosamente, foram feitas em 1905, logo depois da primeira versão de Clara dos Anjos, cujo enredo narra justamente a história de uma jovem mulatinha – Clara – que “se perde” seduzida por um rapaz branco – Cassi Jones. Ou seja, é a história de uma mulata que não conseguiu “se salvar”, tal como Lima Barreto temia que ocorresse com a irmã.

E pelo visto, durante muito tempo os estudiosos que se debruçaram sobre a vida e a obra de Lima Barreto se excederam no cuidado e discrição em lidar com essa faceta do escritor. Afinal, ela não se coaduna com a imagem de maldito e excluído que se insistiu em cultivar em torno de seu nome. Como juntar na mesma pessoa a luta contra o preconceito racial e exclusão social e uma personalidade assumidamente preconceituosa? Como juntar numa mesma pessoa a crítica às desigualdades sociais e a defesa das causas dos excluídos da República com uma declarada ojeriza aos pobres e negros do Brasil? Como juntar numa mesma pessoa a crença no anarquismo, ou no socialismo, ou na democracia e a certeza da inferioridade das classes populares?

É esse Lima Barreto que temos e é dos seus textos que vemos emergir uma intensa militância política. Por mais sedutoras que sejam as fontes aqui pesquisadas, induzindo-nos na direção de construir uma biografia reta e coerente do literato transformado em objeto de pesquisa, não é possível nos deixarmos trair por esta sedução e simplesmente renegar as suas confissões “inconfessáveis”, fazendo-lhes vista grossa. Ainda que ele insista em despistar, como nesse artigo de 1911, em que afirma: “O que tenho são implicâncias parvas; e é só isso. Implico com três ou quatro sujeitos das letras, com a Câmara, com os diplomatas, com Botafogo e Petrópolis; e não é em nome de teoria alguma, porque não sou republicano, não sou socialista, não sou

---

<sup>18</sup> Ibidem, pp. 75-76.

anarquista, não sou nada: tenho implicâncias”<sup>19</sup>. Citando esta declaração, Nicolau Sevcenko observa que Lima Barreto preocupava-se em demonstrar seu desligamento de qualquer corrente política organizada e que o seu espaço de atuação era o da “mais completa independência. Ele recusava qualquer espécie de alinhamento ou categorização que lhe restringisse a mais completa autonomia de pensamento ou que classificasse os seres humanos em grupos diferenciados por qualquer critério”<sup>20</sup>. Sevcenko afirma ainda que “a única caracterização política que o autor chegou a admitir para si era a referente ao seu ‘temperamento liberal’”<sup>21</sup>.

Aceitar a hipótese de seu desligamento de toda e qualquer corrente política é recusar a possibilidade de conhecer melhor as convicções deste escritor que a cada pouco se anuncia vinculado a esta ou aquela ideologia. Exemplo disso foi o que aconteceu por ocasião da passagem do 1º de maio em 1913, quando publicou no jornal *A Voz do Trabalhador*, sob o pseudônimo de Isaías Caminha, o seu célebre personagem, um artigo em que se denominava um “snob anarquista”<sup>22</sup>. O periódico quinzenal pertencia à Confederação Operária Brasileira e chegou a alcançar a tiragem de 4000 exemplares, “vultosa para a época e para o gênero”<sup>23</sup>. No seu texto, o escritor expressa sua solidariedade e defende a causa operária:

“Teimam também os jornais em encontrar nessa questão da reforma social uma simples questão de salário. É uma teima que lhes fica bem, mas, é preciso que se lhes diga, não é das mais dignas nem das mais brilhantes.

“Há em tal questão, mais uma questão de dignidade humana, de direito que têm todos a encontrar na terra felicidade e satisfação, do que mesmo desejo de um maior ou menor ganho.

“O que não é justo, é que muito poucos possam encontrar na vida mais que o supérfluo e alguns mais, unicamente o necessário.

“Nessa questão, os jornais e os jornalistas são de uma coerência a toda prova. Eles gabam os altíssimos salários que os operários têm nesta terra, mas nenhum deles quer ser o operário que os vence. Porque? Porque à situação de operário está ligada uma diminuição de personalidade, de consideração à sua importância necessária e puramente humana.

---

<sup>19</sup> BARRETO, A. H. de Lima. “Alguns reparos”, in *A Estação Teatral*, 15 de julho de 1911.

<sup>20</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão; tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo, Brasiliense, 1985. p. 189.

<sup>21</sup> *Ibidem*, p. 190. Sevcenko está se apoiando em artigo de Lima Barreto para o ABC, publicado em 24 de abril de 1921, intitulado “Reflexões e contradições à margem de um livro”, em que critica a aliança entre o clero e o capital no Brasil, “coisa que (...) não pode deixar de revoltar um liberal como eu”.

<sup>22</sup> BARRETO, A. H. de Lima. “Palavras de um snob anarquista” in *A Voz do Trabalhador*, Rio de Janeiro, 15 de maio de 1913. Ver também: BARRETO, A. H. de Lima. *Feiras e Mafuás*. São Paulo, Brasiliense, 1956. pp. 213-218.

<sup>23</sup> SODRÉ, N. W. *Op. Cit.* P. 361.

“De resto, o trabalho é árduo, além de árduo é feito durante muitas horas seguidas e o cansaço tira e embota a alegria das restantes horas de repouso”<sup>24</sup>.

Recusando-se a reduzir a luta do movimento operário à conquista de melhores salários, Lima Barreto observa que a questão é mais ampla e abrangente, inserida que está no bojo de uma “reforma social” capaz de promover uma distribuição mais igualitária de renda e a “felicidade e satisfação” das maiorias. Está presente em seu argumento a esperança de que venha a desenvolver-se no país um projeto alternativo à sociedade capitalista, filiado a ideologia anarquista:

“As condições, portanto, da civilização do Brasil, quer as econômicas, quer as morais, quer as de território, justificam que haja quem desinteressadamente, brasileiro ou não, seja anarquista.

“[...] É justo que o esforço de tantos séculos, que a inteligência de tantas gerações, que o sangue de tantos homens de coração e o sofrimento de tantas raças, que tudo isso, enfim, venha simplesmente terminar nessa miséria, nesse opróbrio que anda por aí? É justo?”<sup>25</sup>

O artigo acima na verdade é utilizado pelo escritor para dialogar com os grandes jornais da cidade que “tiveram que tratar da questão social”<sup>26</sup> em face da passagem do 1º de Maio. Diante dos ataques dirigidos aos anarquistas, Lima Barreto faz do órgão da Confederação Operária Brasileira sua tribuna e coloca em discussão “o regímen da propriedade privada, base última do regímen burguês-capitalista”<sup>27</sup>. E ainda que seja por esnobismo ou ignorância – como querem os jornaistas conservadores<sup>28</sup> –, se assume como anarquista ou um “snob anarquista” chegando às páginas da imprensa.

Desta forma, é possível vislumbrar nessas páginas um pouco da trajetória desse “mulato de Todos os Santos” que ousou tornar-se um escritor no Rio de Janeiro em plena República Velha. E que ao percorrer esse caminho coloca na pauta do dia desses primeiros anos do século XXI, na nossa já centenária República, algumas questões que parecem-nos ainda surpreendentemente atuais, como a exclusão a que a população negra e pobre ainda se encontra submetida e o papel do intelectual na vida política e social de nosso país. Afinal, que obstáculos e desafios enfrentaria um carioca negro e suburbano que hoje pretenda tornar-se escritor?

---

<sup>24</sup> BARRETO, A. H. de Lima. “Palavras de um snob anarquista” in *A Voz do Trabalhador*, Rio de Janeiro, 15 de maio de 1913. Ver também: BARRETO, A. H. de Lima. *Feiras e Mafuás*. São Paulo, Brasiliense, 1956. pp. 216.

<sup>25</sup> *Ibidem*. p. 218.

<sup>26</sup> *Ibidem*. p. 213.

<sup>27</sup> *Ibidem*, p. 215.

### **Referências bibliográficas**

- BARBOSA, Francisco de A. A vida de Lima Barreto. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, Edusp, 1988.
- BARBOSA, Marialva. Os donos do Rio; imprensa, poder e público. Rio de Janeiro, Vício de Leitura, 2000.
- BOTELHO, Denilson. A pátria que quisera ter era um mito; o Rio de Janeiro e a militância literária de Lima Barreto. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal das Culturas, DGDI, 2002.
- BOTELHO, Denilson. Letras militantes: história, política e literatura em Lima Barreto. Tese de Doutorado em História Social do Trabalho apresentada ao Departamento de História da Unicamp. Campinas, 2001.
- CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo A. de M. (Org.). A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1998.
- LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. A formação da leitura no Brasil. São Paulo, Ática, 1996.
- LIMA BARRETO, A. H. de. Toda crônica: Lima Barreto. Rio de Janeiro, Agir, 2004.
- SEVCENKO, Nicolau. Literatura como missão; tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- SODRÉ, Nelson Werneck. A história da imprensa no Brasil. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966.

---

<sup>28</sup> Ibidem, p. 218.